

B"H
PARASHAT TERUMÁ

Este estudo é dedicado à elevação da alma de Esther Alpern a"h

Favor não transportar este impresso no Shabat; após o Shabat, estará à sua disposição

Porque Hashem ordena a Benê Yisrael que Lhe construa um Tabernáculo

Um príncipe viajou de um país distante para casar-se com a filha única do rei. Quando quis partir com ela, o rei disse: "Não posso deixá-la partir, ela é minha filha única. Por outro lado, também é sua esposa, e não tenho o direito de detê-la aqui. Por isso, pedirei um favor. Construa um quarto extra para mim, onde quer que se estabeleçam, de maneira que eu possa viver perto de vocês!"

Igualmente, depois que Hashem deu a Torá, Sua filha preciosa, a Benê Yisrael, pediu-lhes que construíssem um Mishcan (Tabernáculo), no qual Sua Shechiná (Divindade) residiria permanentemente na terra.

Três parábolas: A que se compara o Mishcan

Hashem anunciou ao povo judeu: "Vocês são meu rebanho, e Eu sou o pastor. Assim como um pastor arma a tenda perto das ovelhas para cuidá-las, Eu desejo ter uma morada perto de vocês."

"Vós, o povo judeu, sois Meu vinhedo e Eu, Hashem, o guardador do vinhedo. Aquele que cuida do vinhedo normalmente vive em uma choupana perto da vinha, de onde possa observá-la para assegurar que não entrem ladrões. Construam, pois, uma choupana para Mim junto ao vinhedo."

"Vós, o povo judeu, também sois meus filhos; e Eu, Hashem sou vosso pai. É uma grande honra para os filhos viver em um lar próximo ao pai e também é uma honra para o pai viver perto dos filhos."

A chave das três parábolas

Hashem é comparado:

1. A um pastor
2. A um vinhateiro
3. A um pai

Por que não basta uma comparação? Por que é necessário haver três parábolas diferentes?

Na verdade, estes são três momentos diferentes da história do povo judeu. Em cada época, Hashem manteve uma relação distinta com os judeus.

1. Quando o Povo de Israel perambulou pelo deserto, Hashem morava em um Mishcan parecido a uma tenda de pastor. Um pastor não vive num lugar fixo. Segue o rebanho onde este vai para pastar e arma sua tenda perto das ovelhas para protegê-las e procurar-lhes comida.

Do mesmo modo, Hashem "seguiu" Benê Yisrael pelo deserto. Como um pastor fiel, guardou-os dia e noite e estendeu Suas nuvens ao redor deles, e os alimentou com maná, aves e água da fonte.

2. Em Êrets Yisrael o Rei Shelomô construiu um Templo Sagrado, o Bet Hamicdash, um edifício de pedra. Assim como o vinhateiro cuida do vinhedo, do mesmo modo Hashem protegeu Êrets Yisrael de todos os inimigos. Mesmo assim, o Bet Hamicdash foi comparado apenas a uma "choupana" e não a um lugar permanente, pois não durou para sempre. Hashem predisse que o Templo continuaria existindo somente enquanto Benê Yisrael guardassem fielmente a Torá. Quando abandonaram as mitsvot de Hashem, o Bet Hamicdash, ambos, o primeiro e o segundo, foram destruídos.

3. Quando Mashiach vier e Hashem nos der o terceiro Bet Hamicdash, este será comparado a um "lar" – pois durará para sempre. Então todos verão que Hashem é nosso Pai e que somos Seus filhos.

Quando foi dada a ordem da construção do Mishcan

Apesar de a mitsvá de construir um Mishcan ter sido decretada apenas depois do pecado do bezerro de ouro, a Torá a registra de antemão. As parshiyot que lidam com o Mishcan (Terumá e Tetsavê), precedem o relato do pecado do bezerro de ouro (na Parashá de Ki Tissá).

Após o pecado do bezerro de ouro, Moshê implorou incessantemente que Hashem perdoasse Benê Yisrael. Finalmente, conseguiu o perdão. Não obstante, Moshê não estava satisfeito, e indagou a Hashem: "Como ficará evidente às nações do mundo que Tu realmente perdoaste Benê Yisrael?"

"Que Benê Yisrael construam um Mishcan", replicou Hashem. "Lá, oferecerão sacrifícios, que aceitarei. Esta será uma prova pública de Meu amor renovado por Meu povo!"

A Torá inverte a ordem cronológica dos acontecimentos para ensinar-nos que Hashem prepara o antídoto para uma falha mesmo antes de ter sido realmente cometida. Hashem previu o pecado do bezerro de ouro. Portanto, Ele arquitetou antecipadamente a idéia de construir o Mishcan.

Através do pecado, *Benê Yisrael* forçou a *Shechiná* a retroceder aos Céus. Por intermédio do *Mishcan*, contudo, a *Shechiná* poderia retornar à terra.

O Mishcan como moradia da Divindade

Ao ouvir as palavras de *Hashem*: "Façam um Santuário para Mim, para que habite entre eles", Moshê ficou surpreso.

"Como podes Tu, Cuja Glória preenche Céus e terra, habitar uma humilde moradia que erguemos para Ti?"

Hashem respondeu: "Nem ao menos preciso do *Mishcan* inteiro como local de residência. De fato, confinarei Minha *Shechiná* à limitada área onde se localizará o *Aron* (Arca)."

Hashem, em Seu grande amor por *Benê Yisrael*, restringiu a *Shechiná* ao *Mishcan*, próximo aos Seus filhos. O *Mishcan* físico, porém, era apenas um símbolo para a verdadeira habitação da *Shechiná* – o coração de cada judeu.

Como é possível transformar o coração de alguém num Santuário para a *Shechiná*? Isto é alcançado devotando o coração à *Torá* e à *avodá* (serviço de *Hashem*).

A importância do Mishcan para Benê Yisrael

De fato, o *Mishcan* (e mais tarde o *Bet Hamicdash*) beneficiava *Benê Yisrael* de três maneiras:

√ Como resultado do serviço realizado da maneira como *Hashem* prescreveu, *Benê Yisrael* recebiam proteção celestial contra quaisquer possível atacante.

√ O *Mishcan* era fonte de inspiração espiritual. Cada judeu que freqüentasse o *Mishcan* e o *Bet Hamicdash* era estimulado a incrementar a observância de *Torá* e *mitsvot*. O Santuário e o Templo eram permeados por uma atmosfera de temor a *Hashem*, e observando os *cohanim* realizarem o serviço, *Benê Yisrael* eram motivados a aprimorar sua espiritualidade.

√ A nação inteira testemunhava constantemente milagres óbvios no *Mishcan* e no *Bet Hamicdash*. Estes fenômenos sobrenaturais demonstravam o amor de *Hashem* por Seu povo; era como a relação de pai e filho.

Hashem pede contribuições para a construção do Mishcan.

Hashem instruiu Moshê: "Nomeie coletores de fundos para recolherem material para o *Mishcan*. Serão aceitas contribuições de qualquer judeu cujo coração o impele a participar."

Ao ouvir que o *Mishcan* deveria ser construído em meio ao deserto, Moshê perguntou-se se a comunidade possuía material suficiente para projeto de tal monta. Antes mesmo que pudesse articular a questão, *Hashem* respondeu-lhe: "Não apenas *Benê Yisrael*, coletivamente, possuem o material necessário para construir um *Mishcan*", Ele informou a Moshê, "porém, de fato, cada judeu poderia fazê-lo sozinho."

Onde *Benê Yisrael* obtiveram os materiais?

Quando os judeus saíram do Egito, os egípcios lhes deram ouro, prata e utensílios preciosos. Saíram do Egito com grande fortuna. Quando os egípcios se afogaram no Mar Vermelho, os judeus ficaram ainda mais ricos, pois juntaram os tesouros trazidos pelos egípcios. O mar os arrastou até a praia para que *Benê Yisrael* os recolhessem.

Os *tsadikim* tinham pedras preciosas de mais uma fonte: todos os dias, quando caía a porção de maná, *Hashem* fazia que, junto com o maná, caíssem pedras preciosas!

Os materiais necessários para a construção

Hashem ordenou que quinze diferentes materiais fossem coletados para a construção do *Mishcan* e seus componentes. Cada material foi selecionado para dar a *Benê Yisrael* um mérito ou bênção especial ao doá-lo.

√ *Zahav* – ouro: *Hashem* disse: "Que o ouro doado para o *Mishcan* expie o ouro erroneamente doado para o bezerro de ouro."

√ *Kessef* – prata

√ *Nechoshet* – cobre

Há três tipos de *tsedacá*, que podem ser comparados ao ouro, prata e cobre. A caridade que a pessoa dá quando ela e sua família são ricas e as coisas vão bem é comparada ao ouro. Este tipo de *tsedacá* tem o mais poderoso efeito no Céu, comparável ao presente dado a um imperador. Apesar de ser dada sem nenhuma razão especial, protege o doador de futuras eventualidades. **Ze Hanoten Bari** (Aquele que dá quando tem saúde), forma **Zahav**. Há um segundo tipo de *tsedacá*, caridade que a pessoa dá quando adocece. É menos eficaz, pois é dada num momento de necessidade, e comparada à prata. Se a pessoa adia a caridade até estar gravemente doente (e, metaforicamente, com a corda no pescoço, prestes a ser executada), o valor da *tsedacá* é reduzido a cobre.

Contudo, uma pessoa não deve abster-se de dar *tsedacá*, sob qualquer circunstância. Sua *tsedacá* a precederá no (Mundo Vindouro), e lhe garantirá boa reputação.

√ *Techêlet* – lã tingida de azul-turquesa com o sangue de uma criatura marítima chamada *chilazon*.

- ✓ *Argaman* - lã tingida de púrpura
- ✓ *Tolaat shani* - lã tingida de vermelho púrpura
- ✓ *Shesh* - fino linho branco
- ✓ *Izim* - lanugem de cabras
- ✓ *Orot elim meodamim* - peles de carneiro tingidas de vermelho
- ✓ *Orot techashim* - peles de *Tachash* multicoloridas

Que animal era o *Tachash*? Um unicórnio com pele multicolorida. Existiu apenas naquela época, para que *Benê Yisrael* pudessem utilizar sua pele para fazer as tapeçarias do *Mishcan*. Depois disso, se tornou extinto.

- ✓ *Atsê shitim* - madeira de cedro de *shitim* (acácia)

Por que *Hashem* prefere a acácia a todos os outros cedros?

O cedro de *shitim* foi escolhido por *Hashem* porque não dá frutos. *Hashem* queria dar exemplo a alguém que constrói uma casa. Deve raciocinar: "Se até o Rei dos Reis construiu Seu palácio da madeira de uma árvore estéril, nós certamente não podemos utilizar a madeira de uma árvore frutífera para este propósito!"

Quando Yaacov chegou ao Egito, plantou as árvores de *shitim*, pois sabia, graças a seu *rúach hacôdesh* (espírito de profecia), que os judeus os necessitariam mais adiante para construir o *Mishcan*. Yaacov ordenou a seus filhos: "Quando saírem do Egito, levem junto a madeira de *shitim* que plantei."

A viga mais comprida do *Mishcan* media cerca de 15 metros. Esta viga foi feita da madeira da árvore que Avraham Avínu havia plantado em Beer Sheva! A famosa árvore, debaixo da qual servia seus hóspedes.

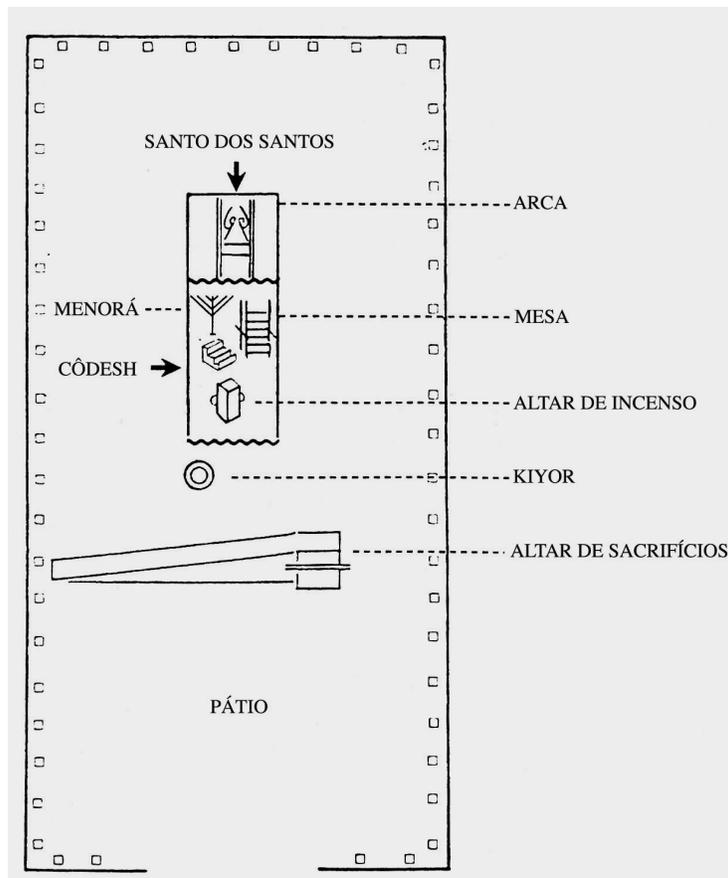
Quando *Benê Yisrael* cruzaram o Mar Vermelho, os anjos cortaram essa árvore e a levaram até o mar. Deixaram-na cair diante dos judeus e exclamaram: "Esta é a árvore que Avraham plantou em Beer Sheva! É debaixo dela que ele costumava orar a *Hashem*!"

Ao ouvir isso, *Benê Yisrael* levantaram a árvore e a levaram consigo. Utilizaram-na como viga central do *Mishcan*.

- ✓ *Shêmen lamaor* - azeite de oliva (para acender a *Menorá*)

- ✓ *Bessamim liketoret hassamim* - especiarias para o azeite de unção e o incenso

- ✓ *Avnê shoham veavnê miluim* - duas pedras de ônix e doze tipos de pedras preciosas para o *efod* e o peitoral (partes das vestimentas do Sumo Sacerdote)



Hashem mostra a Moshê a planta do Mishcan

Quando Moshê subiu ao céu, Hashem mostrou-lhe o desenho exato que devia seguir para construir o Mishcan. Este teria três seções:

1. O *Côdesh Hacodashim*, o Santo dos Santos: a seção mais sagrada do Mishcan continha a arca com as Tábuas da Lei.

Na entrada do Santo dos Santos pendia um cortinado chamado *parôchet*, que dividia o Santo dos Santos da segunda seção, o *côdesh*.

Somente ao Sumo Sacerdote era permitido entrar no Santo dos Santos, e apenas um dia por ano: *Yom Kipur*.

2. O *côdesh* – A segunda parte do Mishcan era menos sagrada que o Santo dos Santos. Chamava-se *côdesh*. Ali estavam a Mesa, a *Menorá*, e o Altar de Incenso.

As duas seções juntas eram denominadas "*Ôhel Moed*".

3. O *chatser*: A terceira parte era o *chatser*, o pátio. Era menos sagrado que o *côdesh*. Ali Moshê colocou o grande Altar de Cobre o qual se ofereciam todos os sacrifícios de animais.

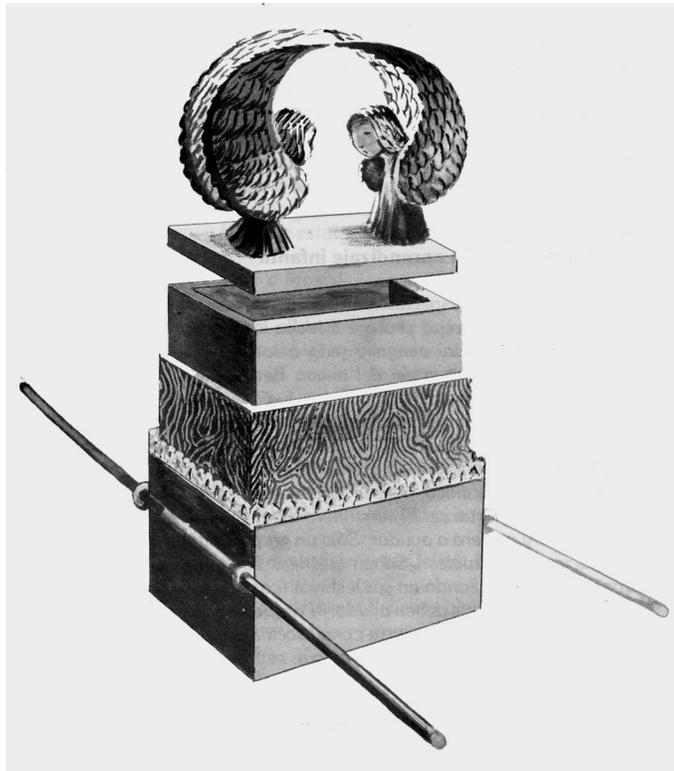
Hashem também explicou a Moshê exatamente como fazer cada um dos objetos do Mishcan. Começou por explicar-lhe sobre a Arca, pois era o recipiente mais sagrado.

Que aspecto tinha o Aron – a Arca

De todos os utensílios do Mishcan, Hashem ordenou que a Arca fosse construída primeiro. Instruiu que sua construção deveria preceder até mesmo a do próprio Mishcan.

A Arca constava de três caixas abertas na parte superior; uma encaixava dentro da outra. A caixa menor era de ouro puro, e encaixava numa de madeira. A caixa de madeira encaixava numa maior, feita de ouro. Assim, o *Aron*, a Arca de madeira, era folheada a ouro por dentro e por fora, exatamente como Hashem comandara.

A caixa de ouro externa tinha um belo rebordo de ouro, semelhante a uma coroa. O *Aron* onde as tábuas foram guardadas simbolizava a *Torá*, e os ornamentos representavam a Coroa do estudo de *Torá*.



O que a Arca simbolizava

Hashem conferiu ao povo judeu três "coroas" (posições de grandeza):

✓ A Coroa de *Torá*, que era representada pela Arca.

✓ A Coroa de *Kehuná* – sacerdócio, que era representada pelo Altar.

✓ A Coroa de *Malchut* – monarquia, que era representada pela Mesa.

A Coroa do estudo de *Torá* sobrepõe-se aos dois ofícios. Somente um judeu nascido numa família real ou sacerdotal é elegível para posições de monarquia ou *kehuná*. A oportunidade de se tornar um grande Sábio de *Torá*, contudo, é acessível a qualquer um.

O *Aron* também representava o *talmid chacham*, o estudioso de *Torá*.

As arcas interiores e exteriores eram de ouro, para indicar que os sentimentos íntimos de um *talmid chacham* devem coadunar-se com sua conduta externa. Pobre do estudante de *Torá* que leva a *Torá* nos lábios, enquanto seu coração é desprovido de temor a *Hashem*!

A santidade da Arca e seus milagres

Hashem fez muitos milagres em relação à Arca. Aqui estão alguns:

✓ A Arca com suas varas deveria realmente ocupar toda a área do Santo dos Santos, de parede a parede. Mas, quando o Sumo Sacerdote ali entrava, havia espaço suficiente para caminhar ao redor de toda a Arca. A Arca em si, milagrosamente, não ocupava nenhum espaço.

✓ Quando os levitas carregavam a Arca não sentiam o menor peso sobre os ombros. Não apenas isso, mas a Arca até os levantava e os transportava!

✓ *Hashem* ordenou a Moshê que construísse uma segunda Arca que sempre viajava adiante de *Benê Yisrael* durante os quarenta anos no deserto. Esta Arca desprendia faíscas de fogo que matavam todas as serpentes venenosas e os escorpiões que apareciam no caminho dos judeus.

Os Badim – As barras do Aron

De ambos os lados da Arca havia duas varas de madeira revestidas de ouro, que passavam por arcos e que possibilitavam o transporte da Arca de um lugar a outro.

Hashem deu uma ordem especial: as barras devem permanecer nos anéis o tempo todo. Não podiam ser removidas nunca, nem mesmo quando *Benê Yisrael* acampavam. A eterna presença das hastes na Arca simboliza o conceito de que a *Torá* não está vinculada a lugar algum. Onde quer que os judeus forem, voluntariamente ou não, sua *Torá* também vai com eles, pois o meio de seu transporte está sempre atado a esta.

O Capôret – A cobertura do Aron

A Arca tinha uma cobertura de ouro, chamada *capôret*. Era feita do mesmo bloco de ouro dos dois anjos, os *keruvim*.

Por que esta cobertura se chama *capôret*? *Capôret* deriva da palavra *capará*, expiação, indicando que este ouro expia pela transgressão de *Benê Yisrael* terem doado ouro para o bezerro.

Os Keruvim – Os anjos de ouro

Hashem ordenou a Moshê que pegasse uma grande pepita de ouro, e esculpisse tanto a cobertura da Arca quanto os *keruvim*, anjos, que ficam sobre ela.

Os *keruvim* não eram esculpidos como elementos separados e então soldados à cobertura; mas emergiam da própria cobertura. Encaravam-se mutuamente, estendendo as asas sobre a Arca.

Apesar de, maneira geral, ser proibido fazer estátuas, os *keruvim* eram exceção, uma vez que foram construídos sob uma ordem especial de *Hashem*.

Hashem anunciou a Moshê: "Minha *Shechiná* residirá entre os *keruvim*. Sempre que falar com você Minha voz emanará de lá."

Os *keruvim* nos dão uma lição sobre a proteção de *Hashem*. A Arca representa o estudo de *Torá*. *Hashem* colocou anjos sobre a Arca para demonstrar-nos que Seus anjos protegem aqueles que estudam a *Torá*.

As faces dos *keruvim* pareciam-se com a de duas crianças, um menino e uma menina. Quando *Benê Yisrael* visitavam o *Bet Hamicdash* nas Festas, a cortina divisória que cobria o Santo dos Santos ficava aberta. Podiam então ver os *keruvim* que se encontravam abraçados.

Dizia-se aos visitantes: "Vejam quão amados vocês são para o Todo Poderoso!" Porém quando *Benê Yisrael* não cumpriam a vontade de *Hashem*, as faces dos *keruvim* ficavam de costas uma à outra.

O milagre dos *keruvim* que abraçavam-se mutuamente em sinal de aprovação Celestial, e viravam a face quando *Hashem* ficava desgostoso com *Benê Yisrael*, provava ao povo a Providência Especial de *Hashem* sobre eles. Esta visão, portanto, inspirava-os à *teshuvá*.

No momento de destruição do *Bet Hamicdash*, quando os povos invadiram o Templo, encontraram os *keruvim* abraçados um ao outro.

Hashem estava, desta forma, demonstrando a *Benê Yisrael* que até a destruição foi motivada por Seu profundo amor por eles. Em Sua misericórdia, derramou Sua ira sobre paus e pedras, poupando *Benê Yisrael* da aniquilação.

Cada medida do Mishcan é importante

A *Torá* não apenas descreve o *Mishcan* e seus objetos, mas também menciona comprimento e largura de cada um.

A *Torá* enumera todas as medidas para nos ensinar que, como todas as partes e objetos do *Mishcan* eram construídos segundo medidas estipuladas por *Hashem*, tinham uma *kedushá*, uma santidade especial.

As medidas nos ensinam também várias lições importantes, por exemplo:

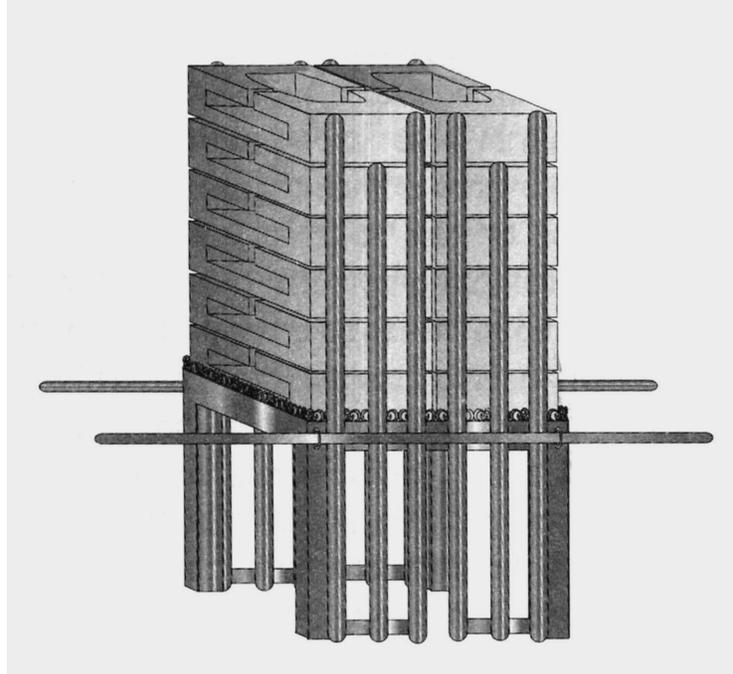
Todas as medidas da Arca continham *amot* médias: comprimento 2 1/2 *amot*, largura 1 e 1/2 *amá* e 1 1/2 *amá* de altura. Não tinha uma só medida de *amot* completa, enquanto todos os demais objetos mediam *amot* completos.

A Arca representa o estudioso de *Torá*. Um verdadeiro Sábio nunca se orgulha de seus feitos, pois se sente incompleto; sabe quanto mais tem de estudar. Portanto, independentemente de quanta *Torá* tenha aprendido, é humilde. Para nos ensinar como deve comportar-se um erudito de *Torá*, *Hashem* nos deu medidas para a Arca, em sinal de que, mesmo depois de ter estudado muita *Torá*, estamos longe de conhecer sua totalidade.

O Shulchan – A Mesa

Após o Aron, *Hashem* ordenou a Moshê; “Faça um *shulchan*, Mesa, e ponha na seção *côdesh* do *Mishcan*. Sempre deve haver doze fornadas de pão sobre esta.”

A Mesa era de madeira coberta de ouro. A borda superior era filetada a ouro. Duas varas de madeira recobertas de ouro passavam por aros nos lados da Mesa, que também possuía cinco prateleiras para acondicionar os pães.



Lêchem Hapanim – Os pães da proposição

Hashem instruiu Moshê: “Você deve colocar doze formas de pães, *lêchem hapanim*, sobre a Mesa.”

Estes pães têm o nome *Hapanim* (faces) derivado do fato de que possuem “duas faces”. Eram moldados em forma de uma *matsá* grossa e quadrada, com ambos os extremos dobrados para cima.

Uma família de *cohanim* era encarregada de assar os pães. Assavam-nos em cada véspera de *Shabat*, em formas de ferro. Depois de assados, eram transferidos para moldes de ouro, e trazidos à Mesa nestes. Eram então removidos do molde. Dois pães eram colocados diretamente sobre a Mesa. Os outros dez eram colocados nas cinco prateleiras, duas formas em cada prateleira.

Hashem ordenou: “Que haja sempre pães sobre a Mesa!” Esta nunca podia ficar vazia. Portanto, os pães novos eram colocados antes de retirar os velhos. (Os pães ficavam na Mesa mesmo quando *Benê Yisrael* viajavam.)

Os *cohanim* de turno no *Mishcan* comiam as fornadas anteriores. Era difícil crer que este pão já tinha uma semana. Pois quando eram retirados da Mesa após uma semana, nunca estavam duros, rançosos ou mofados. Tinham o sabor de frescos como se tivessem acabado de sair do forno!

Sobre a Mesa também se colocavam duas tigelas com *levoná* (uma especiaria). No *Shabat*, antes dos *cohanim* comerem os pães, as especiarias eram queimadas e desprendiam aromas deliciosos. Somente depois, era permitido comer os pães.

O que a Mesa simbolizava

Quando *Hashem* criou o mundo, trouxe o universo à existência a partir de um vácuo absoluto. Ou seja, criou algo do nada. Desde então, quando deseja realizar uma multiplicação miraculosa, Ele faz com que isto flua de algo já existente e não mais proveniente do nada.

A Mesa era o meio pelo qual a bênção dos alimentos fluía para o mundo inteiro. *Hashem*, por isso, ordenou que esta jamais deveria ficar vazia, pois Sua bênção paira apenas numa matéria com substância.

Isto é ilustrado através do relato sobre o profeta Elishá, que disse a uma mulher pobre que ela deveria ter algo em casa sobre o que a bênção de *Hashem* pudesse pairar:

A viúva do profeta Ovadyá clamou a Elishá: “Meu marido morreu”, disse-lhe, “e você sabe quão grande era seu temor a *Hashem*. Foi forçado a pedir dinheiro emprestado a juros; pois sustentava cem profetas que escondia em duas cavernas, para protegê-los da perseguição a que estavam expostos. Agora, seus credores vêm tomar meus dois filhos como escravos!”

“O que você tem em casa?” perguntou-lhe Elishá.

“Não tenho nada, exceto uma jarra de óleo”, replicou a mulher.

Elishá ordenou-lhe: “Vá e peça emprestado utensílios vazios de todos os vizinhos – muitos! Leve-os para casa e feche a porta, ficando em casa com seus dois filhos. Despeje óleo em cada recipiente, e separe os que estiverem cheios!” A mulher fez como Elishá instruíra. Os filhos trouxeram mais recipientes. Não importa o quanto despejasse, o óleo do recipiente original continuava fluindo. Ela encheu todas essas vasilhas, e mandou seu filho trazer mais. “Não há mais recipientes!” respondeu. Então o óleo parou de fluir. A mulher foi a Elishá e disse-lhe sobre o milagre. “Vá e venda o óleo”, disse ele, “e pague seu débito. Você e seus filhos viverão do resto.”

Ao recitar o *Bircat Hamazon* (Bênção Após as Refeições), nunca deve-se deixar a mesa sem alimento algum, uma vez que a bênção de Cima não paira sobre uma mesa vazia.

Em outra manifestação mais visível deste milagre, o *Talmud* relata que um *cohen* que comesse mesmo um pequeno pedaço do pão da proposição ficaria satisfeito. O pão se tornava abençoado em suas entranhas.

Enquanto o *Bet Hamicdash* existia, a Mesa irradiava *berachá* para os alimentos da Terra de *Yisrael* inteira. Mesmo quando *Benê Yisrael* semeavam pouco, colhiam enormes quantidades.

No deserto, o *Mishcan* tinha uma única Mesa. O Rei Shelomô colocou dez mesas no *Bet Hamicdash*, pois havia recebido isto como tradição de Moshê. No deserto, onde *Benê Yisrael* eram providos de alimento através do maná, precisavam apenas de uma Mesa. Em *Êrets Yisrael*, contudo, *Benê Yisrael* necessitavam de uma bênção maior para assegurar-lhes abundância. Por isso, *Hashem* ordenou que fossem instaladas dez Mesas no *Bet Hamicdash*, para irradiar maior bênção às colheitas.

Como proceder agora que já não temos esta Mesa

Hoje, não mais possuímos a Mesa para trazer bênção sobre o alimento. Em seu lugar, a mesa na casa de cada um é sua fonte de bênção. Feliz é o homem em cuja mesa encontram-se duas coisas: palavras de *Torá* e uma porção para o pobre.

Se uma pessoa conduz sua mesa dessa maneira, dois anjos aparecem ao final da refeição. Um exclama: “*Ze hashulchan asher lifnê Hashem* – Esta é a mesa posta perante *Hashem*. Que possa sempre desfrutar das bênçãos Celestiais!” O segundo anjo repete suas palavras e conclui: “Que esta mesa seja posta perante *Hashem* neste mundo e no mundo futuro!”

Ravá e o pobre homem “fino”

Quem dá de comer ao necessitado não deve orgulhar-se achando que está tirando de suas posses para alimentá-lo. Na realidade, *Hashem* é quem provê a todos e Ele utiliza o indivíduo que pratica *tsedacá* apenas como instrumento da Sua bondade.

Bateram à porta da casa de Ravá, um dos grandes Sábios. Um pobre estava de pé junto à porta, a mão estendida: “Dê-me algo de comer, por favor!” suplicou. Ravá o convidou a entrar. “Serviremos comida logo”, disse. “Que tipo de comida estás acostumado a comer?”

“Bem, como prato principal costumo comer galinha gorda assada, e uma garrafa de vinho velho”, disse o mendigo.

Ravá ficou surpreso: “Mas é comida fina, cara. Não fica mal comer coisas tão caras com dinheiro de *tsedacá*?”

O homem replicou: “Como a comida que é de *Hashem*. É Ele que usa as pessoas como Seus mensageiros para dar-me comida. *Hashem* provê a todos do alimento que necessitam. Necessito uma galinha gorda e vinho velho para me manter saudável e bem, de modo que tenho direito de pedi-los.”

Enquanto discutiam esta questão, bateram à porta. Entrou a irmã de Ravá. Não tinha visitado a casa do irmão pelos últimos treze anos. Trazia uma cesta para Ravá. Entregou-lhe a cesta, dizendo: “Trouxe-te um presente.”

“Obrigado”, disse Ravá, abrindo a cesta. Qual não foi sua surpresa ao ver que continha uma galinha assada, bem gorda, e uma garrafa de vinho velho!

Ravá virou-se para o mendigo e disse: “Desculpe. Esta comida foi claramente enviada por *Hashem*. Tinhas razão; *Hashem* dá a cada um a comida que precisa. Confiaste n’Ele, que por isso te enviou a comida. Senta-te e come.”

Deste relato aprendemos que quando damos comida ou dinheiro a pessoas que necessitam, devemos nos considerar os mensageiros de *Hashem*, que distribuem Suas dádivas.

A Menorá – Candelabro

Hashem ordenou a Moshê que colocasse uma *Menorá* perto da Mesa no *Mishcan*. Explicou a Moshê: “Será de ouro maciço e terá sete braços. Todos os braços terão três tipos de ornamentos:

√ *Gavi’a* – semelhante a uma taça

√ *Caftor* – semelhante a um botão

√ *Pêrach* – semelhante a uma flor

“Toda a *Menorá*, inclusive os ornamentos, deve ser feita de um bloco de ouro sólido.”

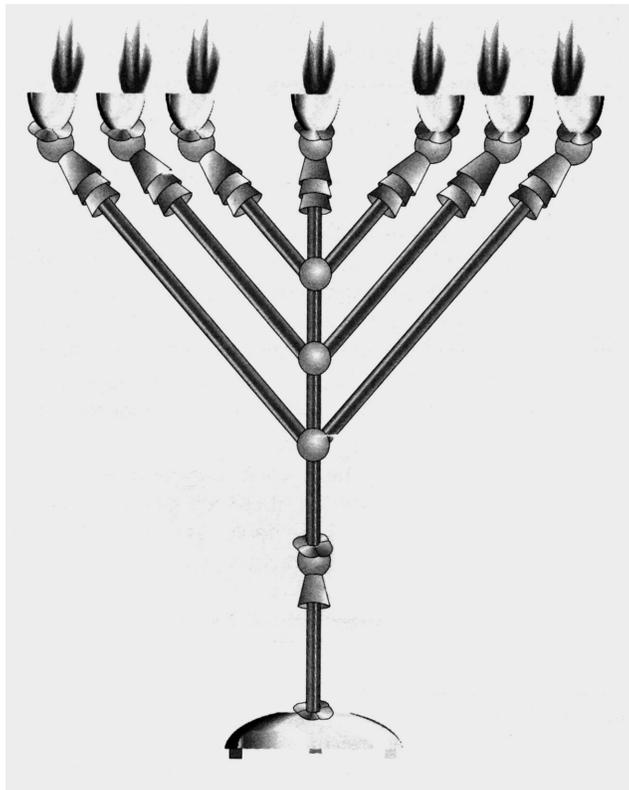
No alto de cada braço deveria haver uma lâmpada, um pequeno recipiente para conter o azeite e o pavio.

Moshê não sabia como fazer a *Menorá*. *Hashem* mostrou-lhe uma visão Celestial de uma *Menorá* de fogo branco, vermelho, verde e preto. *Hashem* também explicou-lhe sua construção. Não obstante, Moshê encontrou dificuldade em executar o comando de *Hashem*.

Por isso, *Hashem* disse a Moshê: “Tudo o que precisa fazer é atirar a barra de ouro no fogo. Dê-lhe um golpe com o martelo, e uma *Menorá* terminada surgirá!” Moshê pegou um bloco de ouro, jogou-o no fogo e rezou: “Mestre do Universo! O ouro está no fogo! Faça com ele conforme Seu desejo!”

Imediatamente, uma *Menorá* completa apareceu do fogo.

É assim que *Hashem* faz milagres: primeiro, o homem deve fazer o que está ao seu alcance, então D'us vem ajudá-lo. Similarmente, na abertura do Mar Vermelho, *Hashem* ordenou que Moshê abrisse as águas erguendo seu cajado. E foi apenas depois que Moshê o fez que D'us realizou o portentoso milagre. No Egito e no deserto, Moshê realizou atos que resultaram em milagres. *Hashem* é quem realiza os milagres, porém Ele quer que o homem os inicie.



Ner maaravi*: O milagre da luz central da *Menorá

Quando o *cohen* enchia as sete lâmpadas da *Menorá* com azeite à tarde, vertia a mesma quantidade de azeite em cada uma. Na manhã seguinte, seis das luzes se haviam consumido, mas a luz do meio (*ner maaravi*) estava acesa. O *cohen* utilizava a luz do meio para acender as outras seis luzes. Então apagava a luz central e voltava a acendê-la. *Hashem* milagrosamente mantinha sempre acesa a luz do meio.

O que a *Menorá* simbolizava

A *Menorá* representava a sabedoria da *Torá*, que é comparada à luz.

Um judeu poderia crer que pode ser um fiel observante de *mitsvot*, mesmo sem estudar *Torá*. Para ilustrar a falha de tal raciocínio, Shelomô comparou as *mitsvot* a luminárias. (“*Ki ner mitsvá veTorá or* – Pois a *mitsvá* é uma lamparina e a *Torá* é luz”, *Mishlê* 6:23). Uma luminária não brilhará, a não ser que seja acesa. Similarmente, a pessoa não pode observar as *mitsvot* corretamente, a não ser que seu comportamento seja iluminado pelo estudo da *Torá*. Aquele que carece de conhecimento de *Torá* está fadado a tropeçar.

Um homem estava andando à noite num beco escuro. Logo tropeçou numa pedra. Então caiu num poço aberto e teve diversas fraturas pelo corpo todo.

Quem estuda *Torá* leva uma luz brilhante que o alerta sobre os poços espirituais encontrados na jornada da vida. É importante notar que a *Menorá* ficava localizada fora dos Santo dos Santos. Isto demonstrava claramente que a Arca e tudo que esta representa não requeriam luz. A *Torá* é sua própria luz.

Para obter ouro puro para as *Menorot* no *Bet Hamicdash*, o Rei Shelomô purificou o ouro mil vezes. Shelomô colocou dez *Menorot* no *Bet Hamicdash*, pois esta era a tradição que recebeu de Moshê. Havia, portanto, no total setenta lâmpadas no *Bet Hamicdash*, pois cada *Menorá* consistia de sete braços. Isto simbolizava que as setenta nações do mundo eram obrigadas a cumprir as Sete Leis de Nôach ordenadas por *Hashem* a toda a humanidade.

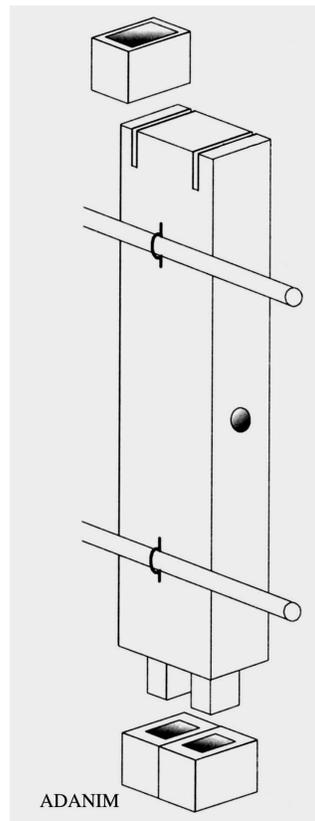
O que aprendemos do fato de a *Menorá* ser talhada de um bloco sólido

Toda a *Menorá*, inclusive os braços e adornos, era talhada de um grande bloco de ouro. Isto sugere que todas as explicações da *Torá* dadas por todos os Sábios de todas as gerações estão contidas na *Torá* que *Hashem* ensinou a Moshê. Não há qualquer explicação transmitida pelos Sábios que não esteja de alguma forma sugerida na *Torá*. Os Sábios posteriores apenas revelaram o que se encontra na *Torá*. Para nos ensinar este conceito, *Hashem* ordenou que todos os detalhes da *Menorá* fossem talhados no mesmo bloco de ouro.

A exigência de que a tão intrincada *Menorá* fosse moldada numa única pepita de ouro simbolizava a indivisibilidade da *Torá*. A vida judaica deve ser construída sobre um conjunto de valores. Não pode ser uma miscelânea de componentes e peças separadas, enxertadas juntas para servir à conveniência de qualquer um. Todas as áreas da vida devem derivar do mesmo conjunto de valores.

Os *kerashim* – tábuas que formavam as paredes do *Mishcan*

As tábuas do *Mishcan* eram de madeira de *shitim* (acácia). Cada tábua foi folheada a ouro. Era cortada embaixo para encaixar-se em dois caixilhos de prata. As tábuas eram unidas por uma fileira superior e inferior de vigas transversais, que eram inseridas em anéis do lado exterior das paredes do *Mishcan*. Além disso, cada uma das tábuas superiores era conectada à seguinte através de um sistema de peças de madeira interligadas encaixando-se com perfeição. A parte inferior de cada viga se inseria em dois blocos de prata (*adanim*).



O que as vigas simbolizavam

Ao contrário das vigas de construções, horizontais, estas tábuas ficavam de pé sobre o solo verticalmente. Esta posição – alcançando, por assim dizer, o alto da terra em direção aos céus – simboliza o objetivo espiritual do homem, unir os reinos terreno e Celestial, sua natureza inferior com seus mais elevados potenciais e aspirações. O versículo descreve a posição das tábuas como “*omdim*”, eretos. Os Sábios interpretam o termo como um símbolo da continuidade e sobrevivência judaica nas épocas mais difíceis. Apesar de parecer que a esperança de voltar à glória do passado findou, a *Torá* diz: “Madeira de acácia permanecendo ereta – eles permanecerão para sempre!”

As tábuas também eram unidas por uma viga central que corria horizontalmente através de orifícios entalhados no centro das tábuas. A viga central unia e suportava miraculosamente toda a estrutura do *Mishcan*. Simboliza Mashiach que unirá todas as nações do mundo.

As paredes do *Mishcan* nunca se perderam

Chegou um momento em que as vigas, varas e blocos de prata do *Mishcan* não eram mais necessários. Isto aconteceu quando o Rei Shelomô construiu o *Bet Hamicdash*, cerca de quinhentos anos após o *Mishcan* ser erigido no deserto. Então, o que Shelomô fez com as partes do *Mishcan*?

Nenhuma parte do *Mishcan* foi jogada fora. As partes foram escondidas por Shelomô no *Bet Hamicdash*. Cada uma das partes era sagrada, pois havia sido feita e doada por *tsadikim*.

Yeri'ot HaMishcan – as coberturas do *Mishcan*

A cobertura do *Mishcan* consistia de diversas camadas de tapeçaria. Essas não apenas formavam o telhado, mas também desciam pelos lados.

A camada interior da tapeçaria que formava o teto do *Mishcan* era de lã azul celeste, de beleza estonteante. Era composta de dez peças costuradas entre si e formando dois grupos de cinco. Eram magníficas obras de arte, com figuras de leões e águias tecidas com fios multicores. Se alguém olhasse para o teto do *Mishcan*, parecia que estava olhando para o céu. Como os dois grupos de cinco eram unidos por laços e ganchos de ouro, quando se olhava para o teto, parecia também que havia estrelas brilhando.

A camada acima das cortinas azul celeste era de lanugem de cabra. *Hashem* ordenou que as tapeçarias azul celeste fossem cobertas por uma camada de lanugem de cabra, para nos ensinar uma lição. Devemos tratar os objetos de valor com cuidado para evitar que se estraguem.

Parte da lanugem caía sobre a entrada do *Mishcan*, que parecia uma noiva com o rosto coberto pelo véu.

As cortinas de lanugem de cabra eram cobertas por mais uma tapeçaria, uma combinação de peles de carneiros tingidas de vermelho e peles multicores de *tachash* (unicórnio).

O que a cobertura simbolizava

Cobrindo as paredes e o espaço aéreo do edifício, a cobertura unificava tudo que havia dentro do *Mishcan*; significando que a Arca, a Mesa, a *Menorá* e o Altar não eram utensílios distintos e não relacionados, cada qual realizando sua tarefa separada. Eram, sim, partes de um todo unificado.

De fato, isto representa a filosofia da *Torá* da vida judaica: estudos, orações, negócios, e assim por diante não giram em órbitas separadas, mas trabalham juntos em direção a um único objetivo espiritual.

Mizbêach haolá – o Altar de Cobre para sacrifícios

Hashem ordenou a Moshê: “Farás um Altar de madeira de *shitim*. Deve ser quadrado.”

Os sacrifícios eram oferecidos sobre este Altar. Por isso era chamado de *Mizbêach Haolá* (o Altar de sacrifícios de *Olá*). Também era denominado de:

√ *Mizbêach Hanechoshet*, o Altar de Cobre – pois era recoberto de cobre

√ *Mizbêach Adamá*, o Altar da Terra – pois era oco, e deveria ser enchido com terra sempre que *Benê Yisrael* acampavam.

√ *Mizbêach Hachitson*, o Altar Externo – pois estava localizado no pátio do *Mishcan*.

Dois traços decorativos circundavam o Altar. Um era uma renda de cobre atada a este; e outro era uma borda entalhada na parede do Altar. A renda dividia o Altar ao meio, sendo primordial para seu funcionamento, pois o sangue de algumas oferendas devia ser colocado na metade inferior do Altar, e o de outras, na metade superior.

Os milagres do Altar

Hashem ordenou a Moshê: “Um fogo deve arder constantemente sobre o Altar!”

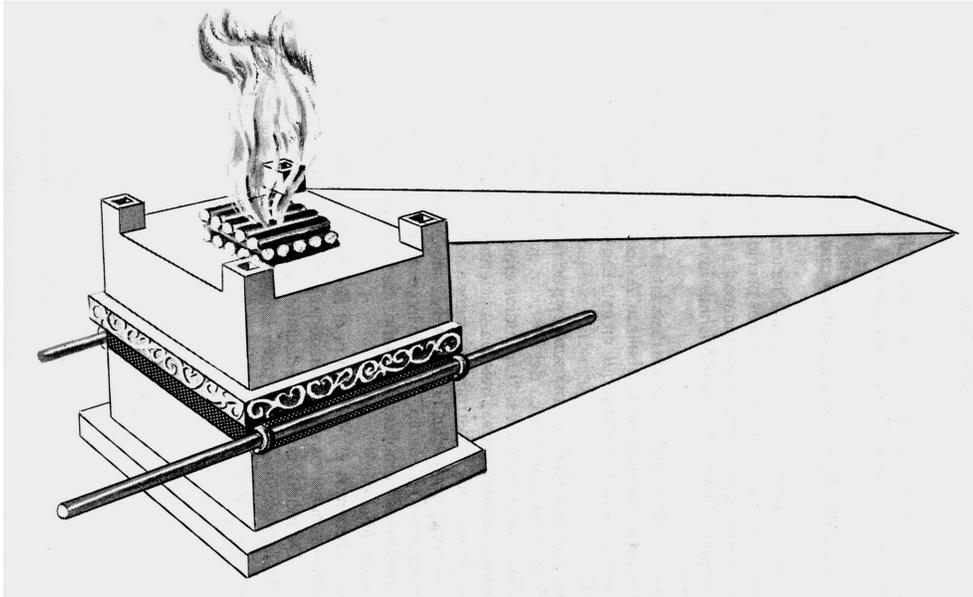
“Mestre do Universo”, objetou Moshê, “o fogo não derreterá a camada de cobre e queimará o Altar de madeira?”

“Estas regras podem ser verdadeiras no mundo físico”, respondeu *Hashem*, “mas não se aplicam em Meu reino.

Nas esferas Celestiais, os anjos de fogo vivem perto dos depósitos de neve e granizo. Contudo, nenhum prejudica o outro. Enquanto você estava no Céu, andou por compartimentos de fogo, e Minhas Hostes Celestes

queriam te queimar, porém não te chamuscaste. Eu te asseguro que, apesar do fogo constante, o Altar não será afetado.”

Havia ainda mais dois milagres que ocorriam em relação ao Altar. Apesar de estar localizado no pátio do *Mishcan*, a céu aberto, a chuva nunca extinguiu seu fogo. Além disso, a coluna de fumaça que se desprendia dele subia aos Céus na forma de uma coluna perfeitamente ereta e não era dispersada pelo vento.



O que o Altar simbolizava

O propósito do *Mizbêach* está indicado em suas iniciais. Concede ao povo judeu:

M – *Mechilá*, perdão

Z – *Zechut*, mérito

B – *Berachá*, bênção

CH – *Chayim*, vida

O *Bet Hamicdash* em *Yerushaláyim* ficava no Monte Moriá. *Hashem* fez com que o Altar de Cobre ficasse num local muito especial sobre aquela montanha. Foi construído exatamente no mesmo lugar do qual *Hashem* pegou terra para criar o primeiro homem, Adam; onde a humanidade ofereceu seus primeiros sacrifícios através de Cáyin e Hêvel (filhos de Adam); onde Nôach construiu um altar após o Dilúvio; e onde Avraham atou Yitschac com intenção de sacrificar o filho ao Todo Poderoso.

Porque o *Mishcan* continha tantos materiais preciosos

Hashem ordenou a *Benê Yisrael* que fizessem o *Mishcan* utilizando ouro, prata e outros materiais preciosos, certamente não por necessitar de um lugar suntuoso.

Na realidade, Ele desejava que o *Mishcan* brilhasse por duas razões:

1. Para que todo judeu que entrasse no *Mishcan* se impressionasse com a magnífica beleza. Assim, se comportaria respeitosamente e compreenderia que neste lugar sagrado morava a *Shechiná*.

2. Para que os não-judeus sentissem um grande respeito pelos judeus quando fossem sabendo do *Mishcan* que haviam construído. Pensariam: “Os judeus eram escravos no Egito, mas agora são muito ricos. Tiveram ouro e prata suficientes para construir uma morada maravilhosa. Também devem ter entre eles homens sábios e melhores artistas que qualquer outro povo, pois do contrário, como poderiam ter feito os objetos complexos do *Mishcan* e seus intrincados desenhos?”

Hoje, quando não temos o *Mishcan* nem o *Bet Hamicdash*, devemos manter esta reverência em nossas Sinagogas.